

Um pioneiro que tem cara de Taguatinga

Mesmo trajando uma sóbria camisa de seda de uma das marcas mais caras, o candidato ao Senado Benedito Domingos (PFL) não consegue camuflar sua origem rural, revelada à primeira vista pela linguagem simples, fala mansa e jeito quase humilde de olhar as outras pessoas. Ele é o terceiro de uma família de seis irmãos, criados em uma pequena fazenda próxima da cidade de São Sebastião do Paraíso, no Sudoeste de Minas Gerais. Como muitos fazendeiros que migraram para Goiás em busca de novas terras para cultivar, quando tinha 10 anos seu pai os embarcou em uma "maria Fumaça" rumo à cidadezinha de Guapó. Foi uma alegre viagem que durou três dias. Em 1958, já independente, chegou nos canteiros de obras de Brasília como vidraceiro.

Esta é a sinopse de mais uma das muitas histórias de pioneiros que aqui chegaram como simples trabalhadores, viram seus lucros crescer junto com a cidade e hoje se julgam candidatos natos a uma das vagas do Congresso Nacional oferecidas a Brasília em sua primeira eleição. Sua atividade de vidraceiro na época da construção da cidade lhe rendeu bons dividendos. Da condição de trabalhador passou logo a empresário e político. Agora quer deixar as três empresas que possui nas mãos dos filhos, para



dedicar-se unicamente à carreira política que pretende iniciar como senador por Brasília.

O INICIO

Da infância vivida sem maiores preocupações no interior de Minas, Benedito Domingos guarda boas lembranças. Seu primeiro emprego, ainda na fazenda, foi de "candeieiro", uma espécie de guia de carros de bois que transportavam carregamento de milho, arroz ou feijão. Na adolescência, já em Goiânia, lembra dos tempos em que estudava marcenaria na Escola Técnica Federal de Goiás e tinha como colega mais ilustre o hoje ministro da Agricultura Iris Rezende, estudante de aparelhos eletrônicos. Com Iris, Benedito Domingos recorda-se de ter feito muitas trampolinagens, de quando pulavam juntos os muros da escola, para despespelo de um sisudo coordenador de disciplina.

Por não aceitar o uso de violência contra os favelados de Taguatinga, ele foi demitido

Mais tarde resolveu tentar melhor sorte como trabalhador na construção da vizinha Brasília e orgulha-se de ter colocado os vidros no primeiro bloco de apartamentos construído na cidade. Seu trabalho possibilitou a aquisição das empresas Centro-Oeste Turismo, Centro-Oeste Veículos e Vidralvo.

Sua militância política começou em 1965 com a participação em atividades classistas em Taguatinga, onde mora até hoje. Foi membro em várias gestões da Associação Comercial e Industrial de Taguatinga e do Distrito Federal. Nesta época também iniciou suas atividades comunitárias assistenciais. Em 1979 foi indicado por 28 entidades de Taguatinga para ser o administrador regional da cidade.

CASSAÇÃO

Um dos episódios mais marcantes de sua vida, segundo revela, aconteceu dois anos

depois de ser nomeado administrador de Taguatinga, na gestão do governador Aimé Lamaison. Benedito Domingos se lembra que na época, enfrentando forte recessão que tomou conta de todo País, tentava administrar dramas terríveis vividos pela população de baixa renda das periferias. Além de promover a urbanização de Taguatinga, tentava paleamente resolver os problemas de assentamentos das centenas de famílias que se amontoavam nas invasões e bolsões de miséria que cercavam a cidade, com uma política que divergia do governador do Distrito Federal.

Por não aceitar usar a violência na derrubada de barracos nas invasões e, ao contrário, efetuar melhorias nestas favelas, Benedito Domingos foi demitido do cargo dois anos depois. "A população de Taguatinga e Ceilândia se revoltou contra a minha demissão, mobilizando os segmentos mas representativos a meu favor, uma vez que fui demitido exclusivamente por tomar iniciativas com prioridades sociais sem consultar os donos do poder, que ignoravam os dramas vividos por aquelas famílias".

Definindo-se como de "centro progressista", Benedito Domingos espera contar hoje justamente com o expressivo colégio eleitoral de Taguatinga, Gama e Ceilândia, além da comunidade evangélica do Distrito Federal.